



## TRANSIÇÃO SUSTENTÁVEL

**A**ssim como os empreendimentos industriais, comerciais e residenciais, os modos de transporte e o parque gerador de energia por queima de combustíveis fósseis, a agricultura é parte integrante do conjunto de atividades antropogênicas que impulsionam potencialmente a temperatura do planeta, fenômeno que vem determinando metas e contribuições para mitigação e até neutralidade nas emissões dos gases de efeito estufa.

Anunciada pela FAO como bastião da segurança alimentar e reconhecida por pesquisadores de notório saber como solucionadora de desafios, a agropecuária brasileira engajou-se voluntariamente contra a escalada da temperatura e, há tempo, pratica uma atividade de baixa emissão de carbono, produção de biocombustíveis renováveis, regularização ambiental, recuperação florestal e de pastagens degradadas, integração da lavoura com a pecuária e a floresta, dentre tantos outros compromissos e iniciativas que visam garantir às gerações futuras o usufruto contínuo dos recursos naturais contemporâneos.

Conduta ratificada, inclusive, durante a Conferência do Clima/COP 26, quando firmou mais um compromisso, dessa vez para redução de 30% até 2030 das emissões de metano/H4 que, dentre tantas fontes, também é proveniente da fermentação entérica e esterco dos ruminantes, incluindo assim a pecuária sob o abrangente corolário de políticas convencionais para limitação do aumento da temperatura em até 1,5°C nesse século.

À medida que a população cresce e a renda melhora, a demanda por proteína animal avança e, apesar das projeções apontarem para o aumento das emissões do metano/H4, a percepção é que a disposição de políticas climáticas agrícolas mais ambiciosas acaba por colidir com o protecionismo e os pesados subsídios oferecidos para produtores nos países desenvolvidos, e até por divergir da função-chave para atingimento das metas de nutrição, do desenvolvimento rural e da redução da pobreza nos países em desenvolvimento.

Ademais, o metano/H4 pode até parecer um coadjuvante como alvo da mitigação, dado o protagonismo do dióxido de carbono/CO2 por persistir na atmosfera muitos séculos e até milênios, se acumulando ao longo do tempo, e o aquecimento prevalecendo até as emissões líquidas zerarem para estabilização da temperatura. Ao contrário, o metano/H4 tem vida atmosférica de aproximadamente doze anos, ou seja, suas emissões não resultarão em aque-

cimento adicional quando comparado ao momento atual, e mesmo reduções modestas serão capazes de promover a neutralidade.

A intensidade da emissão do metano/H4 proveniente da fermentação ruminal pode variar quantitativamente e qualitativamente, conforme a extensão do ciclo de produção (redução da idade de abate, intervalo entre partos, regime extensivo ou confinamento) e do tipo e digestibilidade do alimento consumido (pastagens, silagens, concentrados), respectivamente. Além das tradicionais estratégias nutricionais com influência direta na fermentação e baseadas nos ionóforos, probióticos, leveduras, óleos essenciais, gorduras insaturadas, etc., a manipulação da microbiota ruminal, por meio de determinado composto químico capaz de inibir os microorganismos metanogênicos e reduzir em até 30% a emissão relativa do metano/H4, tem se revelado inovação bastante promissora.

É oportuno, contudo, avaliar criteriosamente quanto metano/H4 tem de ser reduzido pela pecuária para cumprimento da meta firmada ainda no Acordo de Paris e quais tecnologias de potencialização ofertadas são mais ajustadas aos sistemas pecuários contemporâneos e à capacidade de absorção por parte da demanda, sob pena de sofrer efeitos indesejáveis, à exemplo do que tem se dado com a célere transição energética (combustíveis fósseis para alternativos) e seu impulso inflacionário, mais associado ao choque negativo de oferta do que ao choque positivo da demanda. ■

A AGROPECUÁRIA BRASILEIRA ENGAJOU-SE VOLUNTARIAMENTE CONTRA A ESCALADA DA TEMPERATURA E, HÁ TEMPO, PRÁTICA UMA ATIVIDADE DE BAIXA EMISSÃO DE CARBONO, PRODUÇÃO DE BIOCOMBUSTÍVEIS RENOVÁVEIS, REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL, DENTRE TANTOS OUTROS COMPROMISSOS



### Ariovaldo Zani

é médico veterinário  
Professor MBA/PECEGE/  
ESALQ/USP  
Presidente do Colégio  
Brasileiro de Nutrição  
Animal/CBNA